

## O MENINO DA DOIDA E A COMUNIDADE DE GURINHATÁ

Eldio Pinto da SILVA (UFRN)

**Resumo:** Este trabalho estabelece como o menino da doida, personagem de *As Filhas do Arco-Íris* (LACERDA, 1980), convive em Gurinhatá, assim como o papel da criança como palco de diversas discussões. Assim, esta temática interessa aos estudos literários partindo de reflexões pertinentes à Teoria da Narrativa, sobretudo com os posicionamentos de Adorno e Walter Benjamin. Analisou-se o menino para compreender suas memórias e as contribuições sobre a vida e mistérios que enfrenta. Ao apresentar a história de Gurinhatá, o menino perpassa como quem guarda segredos e mistérios. Ele narra sua infância, ao mesmo tempo conta causos e brincadeiras, sem contar toda aprendizagem que adquire. Demonstra que, apesar de ser órfão, a falta dos pais não o traumatiza. Sabe-se que ao brincar, a criança esquece seus problemas e passa a construir uma realidade só sua e esse brincar criativo, às vezes simbólico e imaginativo, a faz conhecer o mundo como um faz de conta.

**Palavras-chave:** Narrador; Infância; Orfandade

**Abstract:** This work establishes as the madman's boy, character of *As Filhas do Arco-Íris* (LACERDA, 1980), he lives together in Gurinhatá. And the child's paper as stage of several discussions. Like this, this thematic one interests to the literary studies leaving from pertinent reflections to the Narrative theory, above all with the positionings by Adorno and Walter Benjamin. The boy was analyzed to understand your memoirs and the contributions on the life and mysteries that it faces. When presenting the history of Gurinhatá, the boy pass by as who keeps secrets and mysteries. He narrates your childhood, at the same time it counts causos and games, unassuming every learning that acquires. He demonstrates that, in spite of being orphan, the parents' lack not you traumatize. It is known that when playing, the child forgets your problems and he starts to build a reality only yours and that to play creative, sometimes symbolic and imaginative, he makes to know his the world as one does of bill.

**Key-Words:** Narrator; Childhood; Orphanage

A tentativa de compreender o papel da representação social no romance faz-nos pensar como isso influencia na formação da sociedade. Para início, colocamos em debate a questão do personagem órfão na obra literária, tendo como palco de discussão o romance *As Filhas do Arco-Íris* de Eulício Farias de Lacerda. A temática da orfandade interessa a psicólogos, sociólogos, antropólogos, filósofos, historiadores e estudiosos da literatura, dada a sua diversidade ante as novas realidades sociais, políticas e culturais do mundo contemporâneo. Na sociedade, adultos, jovens e crianças se misturam nos afazeres e práticas sociais, ou seja, no trabalho, nos divertimentos, no exercício profissional e em tarefas cotidianas, nas festas, atividades culturais e rituais. Segundo Antonio Candido:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (CANDIDO, 2007, p. 53).

O personagem órfão, enquanto sujeito literário, muitas vezes convive com um ambiente de abandono ou solidão, nele há uma constante busca de realização pessoal. E quando sabe que perdeu pai, mãe e irmãos é comum que procure encontrar alguém que possa auxiliá-lo na busca de sua própria identidade para fugir do desconforto que é o abandono. Na concepção de Adorno: “O sujeito literário, quando se declara livre das convenções da representação do objeto, reconhece ao mesmo tempo a própria impotência, a supremacia do mundo das coisas, que reaparece em meio ao monólogo.” (ADORNO, 2003, p. 62).

Neste trabalho, procurou-se estabelecer que a orfandade embora não seja característica das narrativas em que encontramos personagens infantis, às vezes se torna necessária para impulsionar o enredo. A jornada de personagens órfãos é de muitas aventuras, brincadeiras, perigos para conseguir realizar seus desejos. Esses desejos podem ser encontrar uma família, um lar, a aceitação pela sociedade em que vive, a auto-realização, etc. Na obra *Personagem de Ficção*, ressalta-se que:

Se reunirmos os vários momentos expostos, verificaremos que a grande obra-de-arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. (CANDIDO, 2007, p. 45).

Em *As Filhas do Arco-Íris* encontramos um menino narrando sua infância sofrida e alegre no meio da comunidade de Gurinhatá, cidade imaginária situada nos limites entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba<sup>1</sup>. Ao mesmo tempo em que conta a história da vila, convive com

---

<sup>1</sup> Os trechos a seguir são informações sobre o espaço físico: “Vina foi levada para a casa de uns parentes, no Seridó.” (p. 16); “A brusca ida de Vina para o Seridó (segundo os boatos), em estado de gravidez, (...)” (p. 37);

o cego, o bêbado e o doido, sem contar que aprende a narrar ao ouvir o velho Pai Estevão. Isso demonstra que apesar de ser órfão, a falta de seus pais não o torna uma criança traumatizada, e mesmo convivendo com uma tia com distúrbios mentais, ele se sente bastante maduro para encarar os problemas da vida. O romance de Eulício Farias demonstra o quanto soube utilizar de maneira lúdica e divertida o imaginário infantil, abandonando o jeito sério que acompanha o adulto para se divertir: “O tempo é um menino que brinca, jogando bola. É só olhar a neblina que corta o vermelho das nuvens no desvão desse entardecer. O que eu gosto mesmo é dos outroras. A cantiga do bêbado Damião...” (LACERDA, 1980, p. 10).

A imaginação infantil costuma criar e articular histórias através de imagens perdidas, lugares estranhos, brincadeiras e pela convivência com as pessoas, contando aventuras que brotam no imaginário e permitem desenvolver uma postura inventiva – é isso que ajuda as crianças a superar dificuldades. O menino sempre aproveita para brincar, brinca com as pessoas, brinca com as palavras e conta aventuras e mistérios. Narra com alegria as andanças de Pedro Gago pela vila, a vida e os desafios do cego Formião pelas calçadas e as peripécias do bêbado Damião para se dirigir ao bar da vila:

Eram os cavalos com que Pedro Gago e cabo Faria iam roubar Ana Amália, uma de suas muitas amadas e de seus muitos mistérios. Num, o mais arisco, montou Pedro Gago e, no outro, o seu companheiro e testemunha de aventura. Partiram, em disparada, e Pedro Gago sentia a estrada fugir sob os cascos dos cavalos. Longe era o sítio onde estava sua princesa. (p. 23)

Os da venda de João Dadau faziam a maior algazarra com o bêbado Damião, no meio, com suas indiretas e alusões, às vezes, até ferinas. (...) (p. 26)

Entre um e outro gole de cachaça, o bêbado não deixa de soltar a língua, servindo de palhaço para os que nada têm o que fazer. A mundiça só quer um motivo e o infortúnio dos outros é o seu prato do dia. Querem lá saber quem é a vítima. Tanto faz o bêbado jogado na sarjeta como o homem de bem. O escândalo é o pão da maldade. (p. 37).

Nosso Senhor também não lhe havia dado dois olhos de conta que caíram quando tinha ele nove anos? Dias, que ele tem até inveja daquele calunguinha. Anh. Pensamento besta de cego. Anh, lá vem (pelas pisadas) Pai Estêvão. Arrimado no bastão, mal anda. Diz que tem um século de ano na cacunda. Deus o livrasse de viver tanto assim. Vão ver o sofrimento de um cego velho da idade de Pai Estêvão, arrastando os pés, sem poder andar.

---

“Depois foi amásia de um padre e virou mula-sem-cabeça, assombrando meio mundo. E, por último, apareceu grávida sem se saber de quem (naturalmente por obra e graça do divino Espírito Santo) e foi parar no Rio Grande.” (p. 39); “De repente, um reboiço pro lado do Café: Acompanhando Titudô vêm o major Idelfonso, das Queimadas, o tenente Eliseu, do Aguiar e mais o Doutor Balduino, de Água Branca.” (p. 68); “Vina devia chegar logo à boquinha da noite do Seridó” (p. 70); “Não ia haver baile por causa da morte de Pai Estêvão, mas o casamento ia ser mesmo no outro dia e os noivos, uma semana depois, voltariam de vez para o Rio Grande.” (p. 71).

Aonde vai assim, meu Pai Estêvão? Hum. É o ceguinho Zé? Em João Dadau comprar um pedaço de fumo. Hum. Hum. (p. 56).

Enquanto o menino mantém uma relação de proximidade com o bêbado, o cego e o doido, a comunidade de Gurinhatá procura estabelecer certo distanciamento e mesmo que conviva com eles não há uma aproximação para descobrir o que gerou os problemas de cada um. Na sociedade, há certa rejeição às condições de vida, principalmente pela falta de valores econômicos, culturais e sociais, no entanto eles são representantes e participantes da sociedade. O menino consegue através de sua convivência com o velho Pai Estêvão aprender a elaborar histórias que envolvem o cego, o bêbado e o doido, então os acontecimentos da comunidade de Gurinhatá serão articulados pela astúcia do menino.

É assim que se concilia a atitude de escritor que visa reproduzir o modo e as formas de agir de uma criança que vive a realidade caótica do sertão nordestino para apresentar no mesmo ambiente a existência de um mundo de sonho e fantasia alimentado pelas histórias que circulam no imaginário do sertanejo, podendo construir fatos e acontecimentos que se transformam em brincadeiras e divertimentos. Sabe-se que ao brincar, a criança esquece seus problemas e passa a construir uma realidade só sua e esse brincar criativo, às vezes simbólico e imaginativo faz a criança conhecer o mundo como um ambiente de faz-de-conta:

Pegamos a vereda do lajeiro do Estrondo e, um pouco mais adiante, o negro me segura a mão, apertando: A casa velha mal-assombrada, onde tinha uma botija. Ninguém, menino, tinha coragem de passar uma hora dessa, por aqui. A gente fica logo arrepiado, só em lembrar. Apertei com força a mão do negro. Voou-me o chapéu de palha da cabeça? E Guabiraba: Uma noite, dessas de meter dedo no olho, perdido nestas brenhas, e não tendo onde dormir, um homem avista a casa velha e dá graças a Deus.

(...)

Agora da casa velha, só a distância e o medo. Coragem de olhar para trás. Quem? Guabiraba aumentou o passo como se tivesse vendo também assombração. Não senti mais o chapéu de palha na cabeça. Aproximei-me ainda mais do negro, pisando-lhe quase nos calcanhares. Onde a marrã e o burreguim, uma hora dessa? De um lado para outro, Tubiba correndo e espantando os bichos das moitas. Mata fechada que não deixava a gente ver bem a vereda que ia dar no lajeiro do Estrondo. Cipoal. Tire a bosta deste cururu daí. De repente, como pressentindo o ataque da pintada ou da suçarana da mão torta, Tubiba se põe a uivar e grunhir. Guabiraba me pega pelo braço: Escutou, menino, esse tropel estranho que parece que vem botando o mundo abaixo? Ouviu também aquele choro triste? . . . (p. 14-15)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Todas as citações da obra *As Filhas do Arco-Íris* terão como referência a edição elencada na Bibliografia deste trabalho. Portanto, será indicada apenas o número da página.

Compreende-se o menino como uma criança imaginativa que procura entender as coisas que acontecem em Gurinhatá, apresentando importantes contribuições para a narrativa. Ele está sempre se questionando sobre os fatos estranhos que ocorreram nos arredores da vila, Guabiraba conta-lhe uma história de assombração para amedrontá-lo e o menino acompanha a narrativa sempre destacando certo ceticismo. Isso o faz ser muito observador, inventivo e criativo, sua convivência com os mistérios cria um espírito crítico. Benjamin (2009, p. 55), falando sobre os livros infantis, chama a atenção para o fato de que “A criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não 'infantil'. Muito menos aquilo que o adulto concebe por tal”. Pode-se ressaltar que a infância é evocada na narrativa para não deixar que a seriedade adulta prejudique a ludicidade da criança que o autor quer recuperar na sua escrita. Nesse sentido, a atitude do escritor é resgatar a experiência com o mundo da infância como quem vivesse em estado de fantasia. Walter Benjamin, em um de seus escritos, ressalta: “A máscara do adulto chama-se ‘experiência’. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre a mesma. Esse adulto já vivenciou tudo: juventude, ideais, esperanças, mulheres. Foi tudo ilusão.” (BENJAMIN, 2009, p. 21).

Podemos lembrar a concepção de Adorno quando analisa a “posição do narrador no romance contemporâneo” e retrata que o romance tradicional enfoca o “convencer”, pois nele, o narrador busca envolver o leitor de modo que ele acredite no seu “contar de acontecimentos”. Já no caso do romance contemporâneo, estão nas entrelinhas, na ironia, na construção do texto, pelo entrecruzar do enunciado e da enunciação em que se nota a veracidade dos fatos, muitas vezes, manipulados pelo narrador como nos romances românticos: “O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto de estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais.” (ADORNO, 2003, p. 58).

A narração de *As Filhas do Arco-Íris* se desenvolve através das observações nas inter-relações entre as pessoas da comunidade quanto ao comportamento dos moradores, em especial, o velho, o cego, o bêbado e o doido. Daí, ele ressalta os relacionamentos de amizade, respeito e conflito entre: ele (o Menino da doida), Padre Santo, o velho Pai Estêvão, o cego (Formião), o bêbado (Damião) e o doido (Pedro Gago):

A coréia dos sapos na lagoa e a voz arrastada do bêbado Damião. Tidudô já devia ter calado a boca desse bêbado, de uma vez. Mas Damião só fazia mal

à cachaça que bebia e a ninguém mais. A culpa não era dos da venda de João Dadau? Damião era o divertimento da vila. (p.12)

Pedro Gago tinha o miolo mole. Não possuía mais nada além do chapéu, no entanto, era o dono de tudo. Dele eram as casas da vila, a igreja, o cemitério, as propriedades vizinhas e seus moradores, o gado, a criação miúda da região, as águas do rio e todos os peixes. Só não lhe pertencia mesmo a estrela dalva da poça d'água da rua, porque essa era propriedade exclusiva do bêbado Damião. (p. 18).

Padre Santo explicava que Zé Pepeu era portador de uma mania congênita, uma doença, a cleptomania. O cego Formião é que nunca gostou de tal palavra difícil. Embromação de livro e de quem sabia ler. Tinha até graça ladrão de bode ser doença. (p.25).

Estória puxa estória e o tempo vai. Pai Estêvão é a figura central. No calçadão da igreja, todos se reúnem, homens e meninos, para ouvi-lo, uma vez que o velhinho já viu coisas do arco-da-velha. (p.59)

Quando analisamos a figura do menino como representação social na narrativa é necessário compreender que através de suas memórias podemos encontrar as contribuições sobre aspectos como a vida, o cotidiano, os mistérios e os acontecimentos que um órfão enfrenta pela falta de quem cuide efetivamente dele: “Aquele menino é muito esquivo e astucioso. Seria capaz. . . Ah, só faz desatino quem confia em mulher e menino. Mas aquele capeta é o único aqui, na vila, que tem acesso fácil ao casarão e a seus sorumbáticos personagens”. (p. 41-42).

Cabe ressaltar que o menino desenvolve sua narração percorrendo diversos pontos de vista por causa de sua convivência com o cego, o bêbado, o doido, o velho e o padre, todos habitantes de Gurinhatá – desse modo, expõe situações, fatos e acontecimentos em que encontramos em cada capítulo uma situação que não sequencia o momento anterior. É por isso que o menino, além de ser personagem narrador e observador, apresenta momentos em que expressa todo o controle da narrativa, pois narra a vida dos moradores da vila, os mistérios e acontecimentos estranhos, as festas e datas comemorativas do ano, os contos de Pai Estêvão e causos de assombração lembrado pelo negro Guarabira e o desenvolvimento da vila até tornar-se cidade. Para Antonio Candido: “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.” (CANDIDO, 2007, p. 54).

Ao apresentar a história de Gurinhatá, percebemos que o menino perpassa pela narrativa como quem guarda consigo os segredos sobre os mistérios que ocorrem na vila e o

seu discurso em primeira pessoa integra também resquícios do discurso em terceira, demonstrando uma coerência com o discurso do outro. Ao perceber isso, o leitor pode observar que através das lembranças da infância, o menino da doida expressa uma parte da rememoração das experiências com a comunidade e, ao mesmo tempo, faz uma reflexão dos momentos que representam o desenvolvimento da vila ao transformar-se cidade:

Pedro Gago não gostou do dito do cego e acha que não ia dar certo essa história da vila passar a cidade sem o consentimento dele. No dia em que amanhecesse nos seus três, iam ver.

Além da bolandeira (a usina), uma loja de tecidos, mais duas vendas fora a de João Dadau e uma drogaria brevemente iam ser instaladas na cidade. Era o progresso.

(....)

Padre Santo sabe. Os segredos da confissão morrem nos lábios. Jura é jura. Menino, o hipócrita cõa um mosquito e engole um camelo. Primos eram e compadres. Traição das traições. O remorso tomou conta dela e diz que nunca mais teve paz de espírito. E as tentativas de suicídio? E quem diz que ela sai mais da camarinha onde se encafuou? Só na chegada de Vina, e isso mesmo sem os entusiasmos de antanho. Cumprindo as penitências (horrríveis) de padre Santo? Quem aqui faz, aqui paga. Ver, ouvir e calar. (p. 82)

O menino vai aprendendo e desenvolvendo um modo próprio de narrar com criatividade e de forma crítica sem perder a sua capacidade de reconhecer o mundo. É assim que ele não acredita em tudo que ocorre na vila, mas como conhecedor de estórias e causos e como grande observador do mundo muitas coisas que ele aprende realçam o modo como narra a história de Gurinhatá. Também se pode ressaltar que nas suas observações e brincadeiras do menino circulam o bêbedo, o cego e o doido para divertir os moradores da vila e fazer com que o menino siga um percurso de amadurecimento, pois vê que não está só como um abandonado: “Tidudô, outro. Vou-lhe dar, Pedro Gago, um chapéu panamá. Funh. Todo mundo se ri. Todo mundo só acha graça na desgraça. Lá está o menino da doida se perdendo no meio daqueles vagabundos da venda. Prisiarcas.” (p. 18).

A construção do texto parece ser montada para que o leitor mergulhe na narrativa para procurar lendas e mistérios que envolvam as filhas do arco-íris e o menino está longe de tentar, através de seu relato, reconstituir a sua história, seja pessoal ou familiar, então ele expõe uma série de segredos e mistérios. Um deles é o seu nome que só é apresentado ao leitor no último episódio. No decorrer da narração, o leitor vai conhecendo a história do menino, sendo sempre chamado de “menino”, “menino da doida” ou de “sobrinho” por seus tios e tias: “Tio Liopordo era casado com a irmã de tia Jana, a tia Iná. Tia Iná só me chamava

de Sobrinho e era uma festa, quando eu ia passar um fim de semana com eles. (...) Cuidado, Sobrinho, pra não cair no porão. (...) Sei que Sobrinho não é filho de marreca ou de mergulhão.” (p. 32). Ele demonstra gostar do modo como é chamado, brinca com todos, observa e relata os causos ao leitor, porém em alguns momentos deixa-nos na expectativa para descobrir os mistérios e segredos da comunidade:

Pela primeira vez, escutei tia Jana me chamar pelo meu nome. Ela sempre me chama e quase todo mundo aqui (para minha tia Iná, eu era o Sobrinho) de Menino. Outros, de o Menino da doida. Hoje estranhei, quando ouvi lá da camarinha a voz dela: Lícias, onde está você, Lícias? Já estou tão acostumado a não ouvir alguém chamar pelo meu nome, que quase não respondi. Tia Jana estava num de seus bons momentos de lucidez. Começou a falar sobre coisas do passado, de um passado que eu não tinha a menor lembrança. (...) A finada Aninha, que Deus a tenha em bom lugar (minha mãe era a mais velha das três), gostava de ler poesia e romance e até versos ela fazia, às escondidas. Não mostrava a ninguém e não sei que fim ela deu um caderno cheio deles. O que ela mais admirava era poesia e novela de pastores. Aí sim, decorava até. “Lícias, pastor — enquanto o sol recebe...” Foi daí que ela tirou o nome de vocês. Lembra-se. Quando a menina nasceu, ela batizou com o nome de Febe. (p. 84-85).

É com muita habilidade que o menino vai guardando os segredos de Gurinhatá, gosta do modo como as pessoas o tratam, mas não se esquece de lembrar ao leitor como é seu nome e a origem de sua descendência. Às vezes, ficamos esperando detalhes sobre sua vida, sobre sua família, porém o menino se distancia deste problema e segue adiante na sua narrativa, passando a falar sobre Gurinhatá. Ele recorda que a tia, num momento de lucidez, lembra que a mãe costumava ler livros para ele. O menino revela o nome de sua mãe (Aninha) e de sua irmã (Febe), remonta sua infância quando ainda era bem pequeno, o sofrimento da família quando perde entes queridos, torna-se órfão e vai viver com uma tia maluca. As recordações do menino revelam que a origem de seu nome vem de poesias árcades, mas que tem referência no simbolismo brasileiro. A irmã do menino sofre com a epidemia de sarampo e, como muitas crianças, morre: “O sarampo daquele ano foi terrível. Tonica ficou também quase vai e não vai. Coitada de minha filha!” (p. 85). O nome “Lícias” tem origem nos grandes pastores árcades, o menino conta que seu nome foi retirado de um verso poético de *Taça de Coral*, de Alberto de Oliveira<sup>3</sup>. Isso torna evidente que além de retratar temas da

<sup>3</sup> *Taça de Coral* (Alberto de Oliveira, Poesias, 1906.).

Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,  
Mugindo, o manso armento e ao largo espraia.  
Em sede abrasa, qual de amor por Febe,  
— Sede também, sede maior, desmaia.



cultura popular, o autor quer levar o leitor para se aventurar na leitura de poesias.

O menino sente muito cedo o impacto da perda de seus familiares, perde a mãe e a irmã que adoecem e morrem quando ele tinha três anos. A irmã morre de sarampo, e quanto à morte da mãe ele não revela nem explica o motivo da morte e nem sobre quem é seu pai e o seu paradeiro. Sem pai, o menino conhece a morte de seus parentes mais próximos, torna-se órfão e carente de cuidados, passando a viver com uma tia maluca e uma prima. Apesar do sofrimento pela perda da família, o menino busca esquecer isso e viver aventuras, daí tenta fixar ideias através de seus relatos e opiniões na estória narrada. Além do segredo sobre o seu nome, outros segredos não são expostos ao leitor como a morte da mãe, o paradeiro de seu pai, o desaparecimento de Sinhá Zefa e as mortes de alguns parentes:

Sinha Zefa veio lavar roupa e nunca mais voltou. Notícias nem de viva nem de morta não se soube mais. Diz que foi o boitatá que atraiu a desgraçada pro fundo do rio e devorou-a. Mistérios.” (p. 29).

Tio Liopordo era casado com a irmã de tia Jana, a tia Iná. Tia Iná só me chamava de Sobrinho e era uma festa, quando eu ia passar um fim de semana com eles. O casal só tinha uma filha, a Isaura, mais velha do que eu e que morreu três meses antes de tia Iná, o ano passado. A morte da filha e da esposa e as coisas estranhas que aconteceram ali deixaram meu tio Liopordo arrasado. (p. 32).

A narração de suas estórias e lembranças sobre a convivência com Padre Santo e o velho Pai Estevão revelam a inter-relação entre elementos científicos e cultura popular. Também é possível perceber que o cego, o bêbado e o doido são pessoas que transformam a vida do menino. Com eles presentes, o menino esquece os problemas e passa a contar sobre a vida deles como forma de inspiração para demonstrar a experiência adquirida nessa convivência:

Na geografia de padre Santo, a véspera de São João deste ano é o dia do primeiro solstício. E explicativo: É a época, gente, em que o sol passa pela sua maior declinação boreal ou astral, e durante a qual cessa de afastar-se do Equador. Muito bem, Seu Vigário! Mas todo mundo ficou mesmo foi sem entender bulufas e sem saber por que só este ano a véspera de São João ia-se chamar de “solstício”. (p. 44).

Aquele desalmado também era bandeirante e para aqui veio a mandado do Rei, a fim de perseguir os coitados dos índios e dos escravos quilombos. *Então esse rei que mandou também era malvado? Sim, menino, todo rei é malvado.* Apois bem. (...)

*E o que foi que os índios fizeram com o bandeirante malvado? Menino, aquele excomungado fundava um arraial aqui, outro acolá e não morava em nenhum deles. Vivia era nos matos dando caça, sem tréguas, a escravos quilombos e preando índios. (p. 58, grifos meus).*

Dessa maneira, o menino evidenciou histórias de aventuras e a ciência do movimento dos astros, expondo os acontecimentos na vila de Gurinhatá. Assim, ele conseguiu aprender muita coisa perambulando pela vila, convivendo com Padre Santo absorve os conceitos da astronomia como os movimentos da terra e dos astros, a mudança dos ventos: “Preocupado, padre Santo se esqueceu até de que hoje é o dia do segundo solstício do ano. ‘Época em que o sol passa pela sua maior declinação boreal ou austral, e durante a qual cessa de afastar-se do equador.’ Ah, a geografia. Os bólidos, os meteoros.” (p. 90). E ao fazer parte do grupo de ouvintes das estórias de Pai Estêvão, ele consegue aprender elementos culturais:

*Todos somos irmãos, em Cristo, Nosso Senhor! Mas não quiseram que o mano Guabiraba vivesse, em paz, em Gurinhatá. Vinte e quatro horas depois, o negro já tinha passado a perna no alazão e desaparecido na poeira. Da burrinha-de-padre só a cantiga do bêbado Damião. Menino, em terra de cego quem tem um olho é rei. [...] gente (cabo Faria), que aquele negro era uma espinha de peixe atravessada na garganta do major. Essa estória de mula-sem-cabeça é conversa de primeiro de abril. (p. 90)*

Nesse sentido, a experiência e a vivência aguçam sua imaginação para que elabore uma nova realidade e ao mesclar e confrontar elementos da ciência e da cultura no decorrer da narrativa através de estórias tradicionais, confirmando o que Walter Benjamin expressou no texto “O narrador”: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1996, p. 198).

A fonte do imaginário elaborado pela experiência e convivência com estórias do arco-da-velha é fértil e criativa. Isso faz o menino compartilhar com os moradores da vila a aprendizagem e o conhecimento popular em torno das estórias de Pai Estêvão e de uma série de observações dos astros, dos movimentos da terra que eram sempre lembrados pelo Padre Santo. São as estórias que Pai Estêvão conta que ajudam o menino a ganhar experiência, a crescer e a criar novas estórias sobre a comunidade. Também é possível perceber que assim que ele vai aprendendo as estórias, cria e desenvolve seu espírito crítico, mantendo certa resistência à realidade por ele vivida e convivendo com os problemas desencadeados pelos

adultos. Para Benjamin: “A experiência é carente de sentido e imaginação. Talvez ela possa ser dolorosa para aquele que a persegue, mas dificilmente ela o levará ao desespero” (BENJAMIN, 2009, p. 23). A experiência do menino vai se desenvolvendo à medida que o sentido e a imaginação perpassam a relação sujeito-narrador, e alia-se à experiência realizada mediante o ato de brincar. Segundo Jacqueline Held:

Auxiliar a criança a crescer jamais quis dizer preservá-la de qualquer choque, nem pô-la ao abrigo de tal ou tal forma do real, mesmo que seja real elaborado pelo espírito humano. Auxiliar a criança a crescer, significa, ao contrário, dosar essa abordagem de certas realidades, de certos problemas, tentar torná-la progressiva, proporcional às forças, à resistência de uma criança. (HELD, 1980, p. 99).

O menino lembra que nas narrativas de Pai Estêvão: “Estória puxa estória e o tempo vai. Pai Estêvão é figura central. No calçadão da igreja, todos se reúnem, homens, meninos para ouvi-lo, uma vez que o velhinho já viu coisas do arco-da-velha.” (p. 59). Para os moradores, o mal tomou conta da vila desde há muito tempo atrás. A seguir, trecho em que se questiona sobre a presença do mal na vila: “E o Maligno? Esse tomou conta da vila desde o tempo em que ele (Pai Estêvão) era menino. E quem sabe quantos anos Pai Estêvão tinha? Do tempo dos quilombos.” (p. 76). Assim, vai recordando uma série de brincadeiras, alguns ditos populares, conta anedotas, vivendo uma realidade que o faz esquecer os problemas familiares: “CARNEIRINHO, CARNEIRÃO, NEIRÃO, NEIRÃO, OLHA PRO CÉU. Rei sol esqueceu os covões do Já-Foi? O Medo faz as chuvas se esconderem lá, os ventos. E a lagoa? Um mar e o luão dançando dentro. Os sapos. Foi. Não foi. Já-Foi.” (p. 9).

Para Walter Benjamin, a imaginação vai sendo desenvolvida na infância, principalmente nos momentos de diversão como brincadeiras e jogos. Nesse sentido, a capacidade de imitar os adultos cumpre um importante eixo de formação do indivíduo, uma vez que as crianças passam a se apropriar de elementos culturais construídos pelos adultos, internalizando falas, discursos, gestos, etc. Percebemos que no texto que trata do narrador, Benjamin chama a nossa atenção quanto à importância da experiência vivenciada quando uma história passa a ser narrada para os outros. Discorre também quanto ao fato das ações do narrador através do seu modo de narrar com gestos e expressões que fazem com que o ouvinte se envolva no ato de contar, observação que ilumina o seguinte trecho da narrativa:

QUERIA A LUA DO CÉU, QUERIA A LUA DO MAR...<sup>4</sup> Deixe estar que eles vão ver como a porca torce o rabo. Tra lá lá lá lá. A flor-de-cobra é uma ervazinha que nasce debaixo das moitas. . . Deixe estar. Outros poentes e as nuvens, no alto, formando carneirinhos. NEIRÃO. NEIRÃO. As primeiras chuvas de janeiro vão chegar. O olho-de-boi. (p. 92)

O menino vive uma realidade movida pela experiência das estórias narradas em Gurinhatá e vai desenvolvendo um mundo imaginativo para encarar a dura realidade da vida. Assim, elabora seu mundo de fantasias pela experiência com o bêbado, o cego e o doido, e pela convivência em ouvir as estórias de Pai Estevão, por isso cria novas estórias baseadas na realidade da comunidade de Gurinhatá e apresenta acontecimentos que desafiam o senso crítico dos moradores da vila. No entanto, o conhecimento de mundo do menino é capaz de discernir o real do imaginário e a verdade da mentira. Isso nos mostra que ele já tem, apesar de órfão, maturidade para enfrentar os problemas da vida:

Lá vão elas levando o caixão de Pai Estêvão para a outra margem. O calçadão da igreja está vazio. Quem vai contar agora como foi que Deus pôs nome nos bichos? Quem? Nem o ceguinho Zé senta-se mais ali pra vender gaiolas, desde que aquele tocador de pife lhe levou Maria Preta. “Tocador de pife, né?” E Pedro Gago? Anh. Aventuras outras. Disputar com o próprio São Jorge a mão de Ana Amália e lhe dar um prazo de vinte e quatro horas pra que ele (São Jorge) desocupe a lua com dragão e tudo. Mas a estrela dalva da poça d’água da rua tem dono. Hoje de manhã, os bois iam emplastando a cara do miserável. (p. 92).

Na vila, as pessoas reagem com certa rejeição às ações do bêbado, do cego e do doido. Isso ocorre em virtude da ausência de valores sociais, físicos e psicológicos. Por causa destas ausências, a comunidade de Gurinhatá não aceita que eles interfiram nas atitudes e afirmações das autoridades que representam o padre Santo, Pai Estêvão e coronel Titudô. Percebemos essa rejeição da comunidade quando Pedro Gago ao observar o menino brincando na rua faz declarações quanto ao modo como é tratado: “Todo mundo se ri. Todo mundo só acha graça na desgraça. Lá está o menino da doida se perdendo no meio daqueles vagabundos da venda.

---

<sup>4</sup> **Ismália**

Quando Ismália enlouqueceu,  
pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

E como anjo pendeu  
as asas para voar...  
*queria a lua do céu,*  
*queria a lua do mar...* (Alphonsus de Guimaraens, grifos meus)

Prisiarcas. O desgraçado daquele bêbado não para de gritar: Olhe o rei sem a coroa.” (p. 18).

Se considerarmos a leitura da obra numa sequência que abrange início, meio e fim, perceberemos que há uma interligação entre o modo de narrar o começo com o final como num movimento circular, fazendo com que o leitor faça um retorno. O que se percebe observando o ponto fixo em torno do qual se dá o movimento nos seguintes trechos:

....Crescem as sombras e as coisas aumentam de volume. As casas, as árvores, os animais. No poente, rei sol e o vermelho dos carneirinhos, no alto. CARNEIRINHO, CARNEIRÃO, NEIRÃO, NEIRÃO, OLHA PRO CÉU. Rei sol esqueceu os covões do Já-Foi? (...) Hora da tia Jana procurar ovos de guiné. Ah, parece que a diaba da bebe-ovos andou por aqui? Tou fraca! Tou fraca! Mania de tia Jana. (p. 10-11).

Tonica me chama. Vou atrás de tia Jana que está demorando a voltar. Tomara que ela não tenha enchido a cuité de ovos de lesma. Escurece. Rei sol se esconde nos covões do Já-Foi. Crescem as sombras... (p. 92).

Assim, a narrativa não se fecha numa leitura linear e imediata, pois permite ao leitor entrar na camada subjacente à linha sintagmática da estória que se segue no nível da narração. Jacqueline Held faz uma leitura sobre a narração fantástica e apresenta a seguinte afirmativa quanto à sequência de leitura que pode se feita de uma “narrativa aberta”: “(...) a verdadeira narração fantástica é, de imediato, e por essência, suscetível de várias leituras, pode ser compreendida, sentida, vivida em vários planos, revela-se multívoca. A narração fantástica convida (...) a uma ‘leitura aberta’, ou mesmo leituras sucessivas.” (HELD, 1980, p. 30).

Na narrativa de *As Filhas do Arco-Íris*, podemos perceber a presença viva e vibrante do velho Pai Estevão através de narrativas populares:

No calçadão da igreja, todos se reúnem, homens e meninos, para ouvi-lo, uma vez que o velhinho já viu coisas do arco-da-velha. Conta até como Deus pôs nome nos bichos. A girafa, por exemplo, por causa daquele pescoço enorme girando, girando, por cima da copa das árvores. O leão foi por causa do rugido: ããã. O cavalo vê-se logo pela cara. Uma ave preta com um andar daquele só podia ser um urubu. E o porco? Um bicho que só come porcaria podia ter outro nome? Pois é, gente, Deus deu o nome a cada bicho pelo que ele é ou pelo que ele faz. Uns, como a cobra, pelas duas coisas. Hein, meu Pai Estêvão, como foi que um bicho ficou com mais de um nome, como o jegue? O jumento, ceguinho, carregou Nosso Senhor no lombo. Sabia ou não sabia? O cego fez que sim e pelo jeito de resmungar via-se logo que ficou na mesma. (p. 59-60).

O menino ouve, observa e conta do seu modo as coisas que acontecem com a

comunidade de forma a revelar sua participação ativa e integrada ao perceber o desenvolvimento da vila enquanto se transforma em cidade. Tendo em vista o que fala Walter Benjamin sobre a narrativa, temos considerações importantes que ressaltam a importância dela como meio de comunicação de forma a transmitir coisas sobre o narrador e sobre a história narrada. Segundo Benjamin:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1996, p. 205).

Como se pôde ver na nossa leitura, encontramos um texto que apresenta ao leitor o mundo mítico que encontramos na infância, são contos populares, brincadeiras de roda e de rua, revelando uma estreita afinidade do escritor tanto com a temática das narrativas populares quanto a demonstrar os problemas e as agruras da infância de uma criança órfã. Pode-se ressaltar que a presença de órfãos na narrativa permite transformar esses momentos do enredo em situações de reflexão quanto à condição social, econômica, afetiva, ou emocional em que a criança se encontra. Ressalte-se também que o escritor, na manifestação lúdica de sua criação, na percepção simbólica do mundo imaginativo e ficcional, e na configuração fantástica, faz do menino órfão um ser criativo através das histórias que aprende no decorrer de sua vida, pela convivência com as pessoas que conhece, com a comunidade em que vive, a partir daí ela reinventa o mundo para o leitor se desfrutar.

Se considerarmos a leitura de *As Filhas do Arco-Íris*, poderíamos salientar que a narrativa não constitui para o leitor uma história íntima e pessoal tampouco autobiográfica, mas sim uma narração envolvendo uma comunidade convivendo com mitos e lendas, ouvindo contos populares, fazendo despertar o imaginário. Assim, a ficção exposta por Eulício Farias nos revela uma fonte de reflexão que abrange o imaginário, o real, o sobrenatural, o possível e o impossível. Jacqueline Held ressalta:

(...) razão e imaginação não se constroem uma contra a outra, mas, ao contrário, uma pela outra. Não é tentando extirpar da infância as raízes da imaginação criadora que vamos torná-la racional. Pelo contrário, é

auxiliando-a a manipular essa imaginação criadora cada vez com mais habilidade, distância. O que supõe quase sempre possível, mediação do adulto, diálogo. (HELD, 1980, p. 48).

A análise do “menino da doida” procura entender quais são suas contribuições para a narrativa. Se considerarmos que o menino sempre se lembra das narrativas do velhinho, dos argumentos do padre e das armações do cego, do bêbado e do doido, podemos destacar que sua narração se desenvolve através de: Padre Santo, Pai Estêvão, o negro (Guabiraba), o cego (Formião), o doido (Pedro Gago), o bêbado (Damião) e ele próprio. Cada capítulo que vai sendo narrado se reflete em causos, as aventuras e os acontecimentos que desafiam o imaginário da comunidade de Gurinhatá. O menino, muito observador e inventivo, convive com fantasias e mistérios, assim cria uma crítica sobre tudo que ocorre e por aprender as estórias e o discurso da ciência, portanto seu modo de narrar vai sendo moldado no decorrer da narrativa. Entre as estórias que vai narrando, o menino recorda alguns ditos populares, anedotas, poesia, vivendo uma realidade movida pela experiência com Pai Estêvão, Padre Santo, o cego, o bêbado e o doido. Dessa maneira, o menino percebe que essas personagens experimentam problemas sociais, aventuras, viagens e as angústias da vida. Essas experiências o estimulam para que conte a história da vila e recorde os acontecimentos para elaborar a narrativa de *As Filhas do Arco-Íris*.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10ª reimpressão, São Paulo: Editora Brasiliense 1996.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

CANDIDO, Antonio et alii. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GUIMARAENS, de Alphonsus. *Ismália*. World Wide Web, <[http://www.releituras.com/alphonsus\\_menu.asp](http://www.releituras.com/alphonsus_menu.asp)> Acesso em: 01 de julho de 2010.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

LACERDA, Eulício Farias de. *As Filhas do Arco-Íris*. São Paulo: Ática, 1980.

OLIVEIRA, Alberto de. *Taça de Coral*. World Wide Web,

<<http://www.secrel.com.br/jpoesia/ao02.html>> Acesso em 12 de maio de 2008.